

Lisa Lynch

COISAS PRA FAZER ANTES dos 30

perder peso, escrever um livro, engravidar,
(vencer um câncer de mama)

Tradução
Carolina Caires Coelho



© 2010 Lisa Lynch

Esta edição foi publicada com a autorização da Arrow Books.
Todos os direitos reservados.

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza

Assistente de arte
Alex Yamaki

Estagiária
Leika Regina Inoue

Diagramação
Olivia Chiavareto Pezzin

Preparação
Alexandra Fonseca

Revisão
Carmen T. S. Costa
Juliana de Araujo Rodrigues

Impressão
Corprint

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Lynch, Lisa

Coisas pra fazer antes do 30/ Lisa Lynch; [tradução Carolina Caires Coelho].
– 1.ed. – São Paulo: Panda Books, 2011. 304 pp.

Tradução de: *The C-Word*

ISBN: 978-85-7888-119-1

1. Lynch, Lisa. 2. Mamas – Câncer – Pacientes – Biografia. I. Título.

11-1847

CDD: 926.1699449
CDU: 929:618.19-006

2011

Todos os direitos reservados à

Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut

Para Cyril e Jean

Sumário

Introdução ..6

- 1 Um pedido de desculpas ..10
- 2 Pedacos de realidade ..19
- 3 Me deixe tirar isso do peito ..32
- 4 O dia mais comprido ..40
- 5 Bolas novas, por favor ..45
- 6 O equalizador ..56
- 7 Salve Ferris ..64
- 8 A cláusula “sem filhos” ..71
- 9 Um pouco de ciência ..79
- 10 Minha forma ..88
- 11 Força na peruca ..99
- 12 Voltando para a terapia ..108
- 13 Meu traseiro ficou grande? ..115
- 14 Meus lindos 29 anos ..123
- 15 Os velhos olhos vermelhos voltaram ..129
- 16 Estarei com você ..138
- 17 Posso ser solta ..145

- 18 Continuando ..153
- 19 Algo mudou ..160
- 20 Clube dos corações solitários ..168
- 21 Um passo à frente ..176
- 22 Exame da cabeça ..182
- 23 Coragem ..193
- 24 Fuga para o interior ..200
- 25 Sem peruca ..206
- 26 E nunca pensei ..214
- 27 Reabilitação ..222
- 28 Até o fim ..230
- 29 Restauração ..241
- 30 Quantos anos eu tenho mesmo? ..248
- 31 Pondo os pingos nos Is ..254
- 32 Imagem que combina ..265
- 33 Uma mudança de estação ..274
- 34 Feliz aniversário ..286
- 35 A melhor atitude ..295

Introdução

Na minha extensa lista de coisas pra fazer antes dos 30: ver a aurora boreal, engravidar, escrever um livro, perder peso, comprar sapatos Christian Louboutin, não havia pensado em incluir enfrentar um câncer de mama. Mas olha só.

O problema nem era incluir esse fato na lista, mas o tempo precioso que esse inconveniente terrível tiraria dos meus quase trinta anos. Eu tinha um monte de coisas sérias para fazer, como fazer compras, usar lindos sutiãs, passar finais de semana românticos e me embriagar em jantares (não que isso fosse ajudar muito no item “perder peso”). Mas enquanto precisei me conformar com o fato de que a Porcaria (como passei a me referir à doença) teria prioridade por um período, estava determinada a recuperar os bons tempos, não permitindo que ela levasse nada além de meu cabelo (e, para ser honesta, eu estava bem errada).

Sempre achei que, independentemente de qual fosse a verdade, é sempre melhor conhecê-la. (A verdade pode doer, mas é sempre preferível saber quando sua calcinha está aparecendo, não é?) Também nunca fui de manter a boca fechada. Por isso comecei um blog, *Alright Tit* [Tudo Bem, Peito], no qual mantive um diário a respeito de minha experiência com o câncer. E escrever durante a luta é uma estratégia que tem dado certo – além de manter meus amigos e minha família informados sobre todas as coisas que eles nunca tinham ouvido de Kylie (ou Corajosa Kylie, para citar seu nome completo), também foi um método catártico de me manter longe do divã do psicanalista (na maior parte do tempo).

Não estou fingindo ser a única mulher de vinte e poucos anos no mundo a ter recebido um diagnóstico de câncer. Mas provavelmente sou a mais bocuda. Porém todo mundo precisa de uma estratégia, e a minha tem sido escrever ao longo da Porcaria (e sair de tudo isso mais alta, em cima de um par de Louboutin).

* * *

Carrie Bradshaw caiu em uma loja da Dior, eu caí em Debenhams. Era maio de 2008, e foi espetacular. Sapatos de salto desconfortáveis + chão escorregadio + cabeça nas nuvens por causa de um vestido de festa = *puf*. Braços esticados acima da cabeça, dentes no piso frio, peito e joelhos amortecendo a queda. Foi teatral, exagerado, um mico perfeito. E foi um momento importante, o número 1, em que descobri que tinha câncer de mama grau três.

O momento importante número 2 veio um mês depois, quando meu marido e eu estávamos brincando de lutar. Por fora, somos um casal de profissionais que mora em Londres, com um financiamento imobiliário, uma cafeteira e um olho em nosso pacote de milhas aéreas. Dentro de quatro paredes, batemos cabeça, escutamos os discos dos Beatles no último volume e fazemos cócegas um no outro até perdermos o ar de tanto rir. Tentando revidar enquanto aos poucos perdia a capacidade de reação e tentando manter o controle sobre minha bexiga cheia, pensei que seria inteligente ganhar um pouco de tempo passando da pose de “lembre-se de que ainda estou com dor por causa do tombo que levei” para a de “sou menina, cuidado comigo”. Mas quando se tem o marido mais competitivo do mundo, essas desculpas patéticas não representam nada, e ele partiu para o golpe final segurando minhas mãos para trás e

tentando tocar meu seio esquerdo, que ainda tinha o hematoma da queda. Quando P. deu um tempo na brincadeira porque a pegadinha no seio havia doído mais do que deveria, quando ele não tinha feito nada além do que sempre fazia, percebi que havia algo errado. (P. nunca desiste primeiro.) E foi exatamente nesse momento que a diversão acabou e minha viagem com o câncer começou.

Na verdade, escolhi uma palavra bem esquisita, porque detesto dizer “viagem” quando me refiro ao câncer. Uma viagem quer dizer um passeio agradável à praia, um *tour* mágico e misterioso ou uma epifania durante uma experiência que muda a vida. O câncer não é uma viagem. É uma bomba nuclear lançada no centro do seu querido mundo – nesse caso, sem nenhum alerta. Não existe nada de libertador, passível de comemoração ou de crescimento nisso.

Receber o diagnóstico de câncer é como receber a notícia de que você tem vinte minutos para se tornar proficiente em um idioma que nunca viu. (*Parlez-vous quimio?*) Você entra na consulta acreditando que seus dias de estudo ficaram para trás e sai de lá cega por uma terminologia assustadora e que precisa conhecer, que é tão incomum quanto um boneco de neve para um morador das ilhas Fiji. A literatura é toda bem escrita, repleta de informações frias (“pode ser que você encontre...”, “existe a possibilidade de...”, “pode ser que você descubra...”, “se sentir...”) e de uma atitude tão doce, do tipo “isso não é tão ruim”, como uma cortininha tentando esconder o corpo enorme de um elefante.

Não quero que me digam que perder os cabelos me dará mais tempo para dormir de manhã, tempo esse que eu teria gastado secando-os, ou que comprar uma variedade de perucas me dará a chance de testar diferentes personalidades dentro do quarto (li essas duas coisas em “uma animadora compilação de frases” de

pessoas que sobreviveram a um câncer). Também não quero dar essa impressão a mais ninguém. É irresponsável e, sejamos francos, totalmente absurda – antes mesmo de eu passar por isso, sabia que elas não seriam daquela maneira. Eu teria feito qualquer coisa no mundo para manter meus cachos queridos. Além do mais, as drogas usadas na quimioterapia costumam acabar com sua vida sexual, e o tratamento de câncer de mama nem de longe melhora sua imagem corporal. (Não me lembro de já ter visto em uma revista uma moça de vinte e poucos anos, careca e sem um dos seios na lista das mulheres mais sensuais do mundo.)

Chega de clichês e de histórias sem graça nenhuma a respeito do câncer (“pense em todo o dinheiro que você vai economizar em cremes/cabelos/depilação”), de “informações” que mascaram a verdade e de livros de autoajuda. Estava na hora de alguém dizer *realmente* como é.

E foi exatamente isso que fiz.

Um pedido de desculpas

Junho de 2008

Por falta de uma conversa decente e de uma tendência à curiosidade, meu primeiro namorado (inadequado) e eu começamos a entrar numa rotina de falar pouco e, em vez disso, usar um ao outro para experiências. Nem sempre era bom nem certo, mas tínhamos quinze anos, sentíamos tédio e queríamos impressionar nossos amigos. Certa tarde, bem entusiasmada, em uma casa vazia, acabei com o mamilo direito machucado. Como? Só Deus sabe. Mas as semanas seguintes foram sem experiências, enquanto o mamilo cicatrizava e meu namorado inadequado procurava outra pessoa com quem experimentar.

Treze anos depois ainda culpo esse acontecimento por ter meu seio direito como o menos favorito. Nada demais, fique sabendo, porque sempre me senti feliz no que diz respeito aos meus seios, e saiba também que as poucas pessoas que já os viram foram muito sortudas – mas todos temos favoritos, não é?

Hoje, gostaria de pedir desculpas ao meu seio direito. Em primeiro lugar, por chamá-lo de “seio”, que é uma daquelas palavras que odeio sem motivo aparente.

Mas, acima de tudo, gostaria de pedir desculpas ao meu peito direito (ah, infinitamente melhor) por sempre ter preferido o esquerdo, sendo que este teve câncer e se foi.

É tarde demais para mudar de lado?

* * *

– Mais uma bebida, Lis?

Eu e meus amigos havíamos nos encontrado para uma meia esbórnica (tradução: três horas bebendo sem comer) em nosso pub londrino preferido. Era uma daquelas noites gloriosas, que ocorrem uma vez por ano por aqui, quando o clima finalmente fica bom o suficiente para trocar a calça e as botas por pernas de fora e sandálias. Eu me sentia bem: estava usando meu primeiro vestido do verão, havia coberto minha pele branca com um autobronzeador que me deixava com um tom alaranjado bem forçado, e tinha penteado minha recém-crescida franja meio para o lado, querendo ficar um pouco parecida com Jessica Rabbit (mas, na verdade, parecendo ter um olho só).

– Melhor não – respondi a uma plateia de olhos surpresos. – É sério. Vou ao médico amanhã de manhã. Estou com um cisto no seio que está me incomodando, bem aqui – por algum motivo, aponte para o seio machucado. Depois de alguns drinques a mais, eu queria dar a meus amigos uma aula de biologia. Ninguém pareceu se preocupar nem um pouco. Afinal, é lógico que um caroço no seio na minha idade é um cisto, certo? E eu estava muito mais incomodada com o fato de que minha consulta logo de manhã me faria voltar cedo para casa.

– A gente se encontra quando eu voltar de férias, tudo bem? Quando eu tiver um bronzado *de verdade* para exibir – e dizendo

isso, mostrei uma perna com faixas alaranjadas ao mesmo tempo que pendurava a bolsa no ombro enquanto percorria, em zigue--zague, o caminho até o táxi mais próximo.

Nem mesmo minha ginecologista ficou preocupada: – Sim, tenho certeza de que é um cisto – ela disse. – Vai ter desaparecido quando você voltar de férias.

P. e eu havíamos passado meses planejando nossa viagem: primeiro iríamos para Los Angeles visitar Ant, uma de minhas melhores amigas; depois iríamos para o México para relaxar, beber cerveja Corona, curtir o sol e comer nachos. Secretamente, ambos desejávamos que eu conseguisse engravidar também (depois de dois abortos em seis meses, ter bebê estava se tornando uma obsessão). Assim, nenhum de nós estava a fim de permitir que um cisto intrometido e de encher o saco (ou melhor, o peito) arruinasse nossa programação regada a sol.

Mas depois de uma semana de desconforto ao usar biquíni e afastando a mão de P. de meu peito esquerdo, o caroço começou a me preocupar. Estava endurecendo, dolorido ao toque e, francamente, acabando com meu prazer de usar vestidos de verão frente única. Conteí sobre o caroço a Ant.

– Você consegue movê-lo? – ela me perguntou quando estávamos bebendo em Venice Boardwalk. Então enfiei a mão por baixo da blusa e mexi no caroço, acreditando que, em plena Praia dos Músculos, ninguém notaria uma inglesa branquela com a mão no peito esquerdo.

– Hum, sim, acho que sim – eu disse, pensando se de tanto apertar o caroço ele não acabaria explodindo como um frasco de xampu a grande altitude.

– Então é um cisto – ela disse. – Vá ao médico de novo quando voltar. Aposto que ele poderá tirá-lo na hora.

E foi o que fiz, apesar de não ter sido imediatamente. Enquanto estávamos no México, recebemos a notícia que eu vinha temendo receber desde que minha querida avó morrera um ano antes: meu avô havia ido ao seu encontro. É especialmente esquisito receber esse tipo de telefonema em uma varanda, quando se está olhando o mar em uma manhã de sol brilhante. Seus pais explicam o que aconteceu e por fim não têm mais o que dizer, forçando-se a estabelecer uma conversa normal, perguntando: “Está se divertindo?”, “Como está o tempo?”, e você fica sem saber o que responder. Eu queria voltar para casa na mesma hora, mas ninguém concordou. Só restavam alguns dias até nossa volta e, por ser algo que todos já esperavam, não havia nada que eu pudesse fazer se voltasse correndo. Assim, chorei sob o sol até voltar para casa, quando então chorei sob a garoa. Tendo um funeral para organizar e com mil histórias brilhantes de vovô para contar, o cisto teria de esperar. Não que eu ainda estivesse preocupada com ele. Se havia alguma coisa ruim para acontecer, a perda de vovô certamente tinha dado conta do recado.

Uma semana depois do enterro, finalmente consegui um horário para que meu caroço fosse examinado mais uma vez. Voltei para falar com minha ginecologista, sugerindo que se não fosse um cisto, talvez devessem ser os primeiros sinais de gravidez. (Por ter sofrido dois abortos, sabia que os hormônios atingiriam diretamente meu seio.)

– Pode ser que você tenha razão – ela disse, passando a mão sobre sua barriga de fim de gravidez. – Mas vou pedir uma biópsia mesmo assim.

Tudo parou. Ou eu, de repente, estava dentro de um episódio do seriado *Heroes*, com os poderes de Hiro Nakamura de parar o tempo, ou minha ginecologista havia acabado de dizer a palavra “biópsia”.

– Desculpe... hum... biópsia? – gaguejei, ainda sem sutia, sentada na maca. Ela fez um gesto para que eu me vestisse, dizendo que

não era nada muito preocupante, dada a minha idade (28 anos) e o meu histórico familiar sem casos de câncer de mama. Nem mesmo a espera de oito semanas para a biópsia (padrão em casos de “baixo risco”) fez com que ela ficasse preocupada. Mas somando a palavra “biópsia” à minha tendência de demorar a dormir depois de um episódio de *24 horas* à noite, uma espera de oito semanas mais parecia um milênio, por isso pedi para ser encaminhada a um especialista. Oito semanas viraram 48 horas.

P. havia me acompanhado à minha segunda consulta com a ginecologista – talvez mais por querer sair cedo do trabalho do que por preocupação –, e aproveitamos a chance para curtir o sol do final da tarde enquanto os trabalhadores de Londres voltavam para casa. Tomando uma cerveja em um banco do lado de fora de um pub da região, fingimos da melhor maneira possível não estar preocupados, reduzindo a importância da biópsia que seria feita no fim de semana. Uma vez por ano, P. tem de trabalhar aos sábados e, claro, trabalharia naquele.

– Não tem problema – eu disse. – Vai ser uma coisa rápida com a agulha. De qualquer forma, não podem fazer nada além disso no dia.

Telefonei para meus pais quando P. entrou no bar para pegar mais cerveja.

– Então ela me mandou fazer uma biópsia com agulha no sábado – contei-lhes, recebendo um silêncio incomum como resposta.

– Certo – minha mãe disse por fim. – Entendi. Certo. Como você vai até lá?

– Bom, estarei de carro porque P. vai trabalhar. Então vou dirigindo – respondi, sentindo a preocupação na voz dela, mas não dando muita importância, uma vez que minha mãe costuma se preocupar da mesma maneira se eu avisar que vou atravessar a rua, pegar um ônibus à noite ou encontrar uma amiga para beber algo.

Meu pai estava ao fundo, fazendo comentários.

– Diga-lhe que podemos ir à casa dela amanhã à noite. Diga-lhe que podemos estar lá de manhã, se precisar de nós. – Minha mãe repetiu o recado.

– Não, está tudo bem – insisti. – Parem de se preocupar.

Contei a P. que minha mãe parecia preocupada.

– Sua mãe sempre se preocupa – ele disse. – Você está bem. Olha só: vai ficar tudo bem.

Mas aquele sábado ficou longe de ser bom, e não necessariamente por causa da biópsia. A manhã começou com uma das duas brigas que P. e eu geralmente temos (a outra é nossa discussão de sempre acerca de quem é o melhor beatle, John ou Paul): ele havia voltado para casa às três da manhã – o que não teria sido um problema se não tivesse me dito que estaria em casa às 23:30 horas e deixado o celular cair dentro do vaso sanitário –, e eu já havia começado o dia passando um sermão nele por ter me deixado preocupada, como uma mãe nervosa à meia-noite porque o filho está fora de casa curtindo sua primeira balada. Ele foi para o trabalho depois de escutar um monte de desaforos, e eu me dirigi para o hospital bastante brava.

Na pequena sala de consulta, fui recebida com as palavras de tranquilidade que agora já eram padrão – mais uma vez citando minha idade e ausência de histórico familiar – enquanto o médico bem-vestido enfiava uma agulha em meu peito. Ele anotou um número de telefone em um cartão de visita.

– Tenho certeza de que posso obter os resultados até terça-feira – ele disse. – Telefone para minha secretária e ela vai conseguir um encaixe para você à tarde.

Apesar de ter ficado surpresa com a rapidez com que teria uma resposta, pensei que seria melhor do que passar dois meses roendo as unhas e esperando.

Enquanto dirigia de volta para casa, pensei na agenda inco- mum da semana seguinte na agência de conteúdo da qual eu era editora – reunião com cliente durante toda a segunda-feira, prazo vencendo na terça-feira –, e pela primeira vez fiquei feliz por ter tanto com que me ocupar. Um barulho me tirou de meus pensa- mentos. Clack-clack-clack.

– Mas o quê...? – eu disse ao notar o motorista atrás de mim fa- zendo gestos sem parar, o dedo indicador apontando para mim.

– Qual é o seu problema, cara? – perguntei olhando pelo espelho retrovisor, acelerando um pouco na descida que leva à minha rua.

O barulho continuava. Clack-clack-clack. Parei em frente ao meu apartamento e, saindo do carro enquanto ainda puxava o freio de mão, vi o pneu furado.

– Merda! – eu disse, um pouco alto demais para minha rua tran- quila, e entrei no apartamento para pegar a bolsa e telefonar para P. Enquanto chamava, voltei para o carro para avaliar o prejuízo, ba- tendo a porta com raiva. Outro palavrão ecoou pelo bairro: – Que bosta! – minhas chaves ainda estavam dentro da bolsa. A criança da casa ao lado olhou por cima da cerca e sorriu, impressionada com minha boca suja. Deixei mais alguns palavrões na caixa postal de P. e fiquei pensando se aquilo era a maneira maldosa de o universo prever uma tempestade de problemas.

Com ambos muito atarefados no trabalho nos dois dias seguin- tes, P. e eu fizemos o melhor que conseguimos para nos manter ocupa- dos em casa também, evitando falar sobre o óbvio. Na segunda-feira, fomos jantar com minha mãe, que estava passando a noite em Londres para assistir a uma conferência. Sempre que a conversa era sobre o dia seguinte, nós três, de modo robótico, repetíamos o que o médico tinha tido, como se fosse um tipo de mantra para evitar o pânico.

– Então precisarei sair um pouco mais cedo amanhã – eu disse à minha chefe no início da segunda-feira. – Fiz uma biópsia de um caroço no seio no fim de semana e vou pegar os resultados.

Ela olhou para mim enquanto continuava lavando as mãos na pia do banheiro do escritório de nosso cliente.

– Mas não é nada preocupante, é?

Franzi a testa e assenti.

– Provavelmente um cisto – eu disse. – Voltarei para checar as provas na quarta-feira de manhã.

Não voltei.

– Estamos um pouco atrasados, mas faremos a sua mamografia assim que a sala estiver desocupada – a enfermeira disse, agachando na nossa frente e colocando a mão em meu joelho.

– Ela acabou de tocar na minha perna – sussurrei a P. – Nunca a vi antes. O que está acontecendo?

Até mesmo a sala de espera era confusa para mim. Não sabia que tinha uma mamografia agendada. P. afastou minhas suspeitas.

– Ela provavelmente é só uma daquelas pessoas que gostam de tocar as outras enquanto falam – ele disse sem me convencer, voltando a mexer no celular enquanto continuava segurando minha mão esquerda.

Uma hora se passou. As pessoas que chegaram muito tempo depois de nós estavam sendo atendidas quase imediatamente. Evitei perguntar à recepcionista o que estava acontecendo e optei por resmungar em voz alta e virar a cabeça para ver com que frequência a porta da sala de mamografia era aberta. Finalmente, outra enfermeira apareceu no fim do corredor. Ela me entregou um avental e me levou por uma porta, enquanto elogiava minhas sapatilhas vermelhas.

– São sapatos para qualquer lugar – ela disse, enquanto eu me postava na frente de uma máquina de 1,80 metro e ela ajustava um prato de metal plano sobre o qual eu deveria colocar o seio.

– Acho que sim – comentei, mais preocupada com o segundo prato que descia sobre meu peito.

– Vai apertar um pouco, mas só por alguns segundos – ela explicou enquanto eu respirava de modo curto para evitar chorar ao ver, e pela dor, meu peito sendo amassado como se fosse massinha de modelar. – Eu queria uns sapatos assim – ela continuou. – Com os quais você pode trabalhar e ir a um bar depois e não ficar com bolhas. E vermelho é uma cor bem versátil – a máquina voltou para a posição inicial.

“Tem alguma coisa acontecendo”, pensei. “Ninguém fica tão animado com uma sapatilha barata.” E, de repente, o toque no joelho da outra enfermeira fez sentido. Eu estava sendo preparada para receber o diagnóstico de câncer.

Vestindo novamente minha camiseta de estrelas, a enfermeira levou P. e a mim para a sala do médico, ainda fazendo elogios exagerados com a voz estridente. Havia um exame de meus peitos em uma caixa de luz na parede. Fiquei surpresa com a rapidez com que havia chegado ali; lembrei de quando quebrara o pulso na infância e de como fiquei animada no hospital, vendo meus raios X e usando gesso. Mas pela expressão séria do médico e da enfermeira atrás dele, P. e eu percebemos que meus dias de consultas animadas no hospital haviam terminado.

Atrás da mesa imponente, meu médico apontou para uma área mais clara do exame, dizendo frases das quais não me lembro, mas que só poderiam apontar para uma conclusão. Escutei as palavras “câncer de mama”. O resto foi só barulho.

Depressão pós-férias. Meu bronzeado nunca sumiu tão depressa.

Pedaços de realidade

“Provavelmente é só um cisto.”

“Tenho certeza de que é totalmente benigno.”

“Se por acaso for câncer...”

“Se você precisar de quimioterapia.”

*“Na *improbabilidade* de os resultados dos exames mostrarem câncer em outros órgãos...”*

Blá-blá-blá. Será que alguém pode me dar uma resposta direta, por favor?

Perdoe meu mau humor, mas neste momento estou lutando para manter a atitude positiva que engana a todos e faz pensar que estou sabendo lidar com tudo isso. Hoje, não estou enfrentando nada. No momento, só consigo ver o fato de que câncer mata. E antes de você começar, não venha me dizer que o tempo está do meu lado, que câncer de mama é bem curável atualmente, que eu sou uma guerreira... Sei bem de tudo isso, muito obrigada. E sei que se você estivesse na minha situação, também estaria pensando no pior resultado.

* * *

– Não consigo entender o que eles me disseram – comentei com P. enquanto caminhávamos do hospital para o estacionamento. – Não consigo assimilar. – Eu estava no automático. P. também. Só Deus sabe como ele conseguiu nos levar para casa.

– Eles nos deram a notícia – ele disse. (Nesse momento, nenhum de nós conseguia dizer a palavra “câncer”, e foi assim que sua substituta, a “Porcaria”, surgiu – o “você sabe quem”.) – E também disseram que precisam ver se é invasivo ou não. Se for não invasivo, melhor, você pode tirá-lo sem precisa de quimioterapia, mas se for invasivo, você vai precisa fazer quimioterapia e radioterapia assim que realizar a mastectomia.

Eu não conseguia entender o vocabulário médico que tive de aprender de repente.

– E a tal da mastectomia precisa mesmo ser feita? – perguntei, como se fosse P. quem decidisse o que seria feito.

– É, querida – ele respondeu, ignorando meu tom grosseiro. – Eles dirão a data da operação quando voltarmos na sexta-feira para ver os resultados da sua biópsia de fragmento.

A biópsia de fragmento tinha sido terrível. Antes de realizá-la, mas logo depois de receber “a notícia”, fui levada pelo médico e pela enfermeira que me deram o diagnóstico e tomei uma xícara de chá. Eu diria que P. e eu estávamos chorando, mas a verdade é que choramos aquele tipo de choro sem lágrimas. Choro de susto. Choro de confusão. Choro de medo e pavor. O tipo de choro que coloca seu corpo em um choque paralisante a ponto de seus dutos lacrimais não funcionarem, por isso você apenas funga, resmunga e treme, como um ator incapaz de produzir lágrimas em cena.

P. olhou para o celular.

– Droga – ele disse, olhando para mim com outro nível de terror nos olhos. – Seus pais. Perdi um monte de ligações.